

POR UMA HERMENÊUTICA DO *MYTHOS*: A FILOSOFIA DA CULTURA DE ERNST CASSIRER

Toward an hermeneutic of mythos: Ernst Cassirer's philosophy of culture

Hacia una hermenéutica del myhtos: La filosofía de la cultura de Ernst Cassirer

Kenia Cristiana de Lima Alencar¹
Marta Helena de Freitas²

DOI: 10.31501/esf.v3i31.15121

Resumo: Este artigo analisa a forma simbólica do *mythos*, categorizada como um saber legítimo pelo neokantiano Ernst Cassirer, filósofo da cultura. Apresenta-se uma pesquisa teórica, conceitual e filosófica, baseando-se em quatro obras de Cassirer: *Linguagem e mito*, *O mito do estado*, *Filosofia das formas simbólicas – o pensamento mítico* e *Ensaio sobre o homem*. Conclui-se que seus postulados filosóficos qualificam, dão autonomia ao *mythos* e instauram complementaridade entre distintas formas de saberes.

Palavras-chave: Cassirer. *Mythos*. Formas simbólicas. Cultura. Filosofia.

Abstract: This article analyzes the symbolic form of *mythos*, categorized as legitimate knowledge by the neo-Kantian Ernst Cassirer, a philosopher of culture. It presents a theoretical, conceptual, and philosophical research, based on four Cassirer's works: *Language and Myth*, *The Myth of the State*, *Philosophy of Symbolic Forms – Mythical Thought*, and *Essay on Man*. His philosophical postulates qualify, give autonomy to the *mythos*, and establish complementarity between different forms of knowledge.

Keywords: Cassirer. *Mythos*. Symbolic forms. Culture. Philosophy.

Resumen: Este artículo analiza la forma simbólica del *mythos*, categorizada como conocimiento legítimo por Ernst Cassirer, filósofo de la cultura. Presentase una investigación teórica, conceptual y filosófica, basada en cuatro de sus obras: *Lenguaje y mito*, *El mito del estado*, *Filosofía de las formas simbólicas – el pensamiento mítico* y *Antropología Filosófica*. Se concluye que sus postulados califican, otorgan autonomía al *mythos* e instauran complementariedad entre distintas formas de saber.

Palabras-clave: Cassirer. *Mythos*. Formas simbólicas. Cultura. Filosofía.

¹ Mestra; Universidade Católica de Brasília, Brasília - DF, Brasil. keniaclea@hotmail.com | <https://orcid.org/0009-0006-3548-6962>.

² Doutora; Universidade Católica de Brasília, Brasília - DF, Brasil. mhelenadefreitas@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0003-1552-6016>.

1. Introdução

O presente artigo tem como foco a Filosofia da Cultura do neokantiano Ernst Cassirer, especificamente referindo-se à sua teoria das formas simbólicas, com ênfase no pensamento mítico. O filósofo põe em manifesto as particularidades e a legalidade do mito como forma de apreensão de mundo. Assim, explora sua estrutura interna, sua lógica intrínseca e ressalta sua singularidade, autonomia e posição de simetria com as demais formas simbólicas, a saber, a religião, a arte, a linguagem e a ciência. Dessa forma, objetiva-se trazer à lume a interpretação cassireriana sobre o discurso mítico, ampliando a concepção tida no senso comum como simples biografia de deuses. De tal maneira, busca-se qualificá-lo como linguagem necessária na existência humana, na relação intersubjetiva do homem e na sua lida com o mundo, sendo uma forma de manifestação da cultura. Afinal, no mundo contemporâneo, onde tanto a Comunicação como a Psicologia, além de outras ciências humanas e sociais, têm buscado qualificar cada vez mais e mais as diversas formas de racionalidade instrumental (Freitas & Piasson, 2017), há que se resgatar as formas de racionalidade intuitiva, seja como alternativa de confrontação ao reducionismo tecnicista da vida humana ou como estratégia de prevenção ao vazio existencial (Alencar, 2024).

O filósofo neokantiano, na sua crítica da cultura, define o homem como *animal symbolicum*, ao invés defini-lo como *animal rationale* (Cassirer 1944/1997). Nessa nova acepção, considera que o homem reconstrói sua realidade mediante um sistema, o qual denomina de sistema simbólico. Ou seja, diz respeito a um sistema que se articula entre signo e significado, mediante o qual o homem se autolibera, alçando-se dos animais e das sensações orgânicas, interpretando o mundo à sua volta e compreendendo a cultura. É através do símbolo que o homem existe. Portanto, mediante esse elo - o

Artigos Livres

sistema simbólico - uma marca especificamente humana, o homem se adapta ao seu entorno e reconstrói o mundo espontânea e simbolicamente. Cassirer considera esse sistema como distintivo entre o homem e os demais animais, pois se trata de um advento próprio da criação humana na sua interação com o mundo. Dessa forma, categoriza-o como condição de possibilidade para uma interpretação da realidade, mostrando-se também como apriorístico para a manifestação do *animal rationale*. Ancorando-se em tal sistema, o pensador desenvolve a teoria das formas simbólicas, fazendo, segundo suas próprias palavras, uma fenomenologia do conhecimento (Cassirer, 1929/2011).

Sua epistemologia se enquadra no âmbito da crítica kantiana, já que o autor foi estudioso de Kant. A tradição kantiana faz uma síntese entre racionalismo e empirismo, negando à metafísica sua possibilidade como ciência, outorgando apenas à essa última o conhecimento universal e necessário. Kant (1920/2021) considera o conhecimento a que temos acesso apenas aquele relativo ao fenômeno, isto é, o objeto filtrado pela consciência, não sendo possível ao homem ter conhecimento da coisa em si, ou seja, do *noumeno*. Dessa forma, Cassirer (1944/1997) com uma ampla abordagem sobre problema do conhecimento, faz uma ampliação da epistemologia kantiana, por considerar limitante a concepção factual da ciência quando esta é tomada como o único conhecimento universal. Assim, o filósofo estende sua epistemologia para outros modos de configuração do mundo, para além de uma ciência meramente empírico-racionalista, para além das funções cognitivas e lógico-rationais no entendimento do mundo, passando a incluir as funções ligadas à sensibilidade, à estética e à arte. Consequentemente, o filósofo neokantiano se inclina em direção à cultura e converte a crítica da razão em crítica da cultura. Isso posto, Cassirer (1944/1997) elabora uma nova teoria, intitulada de Filosofia das Formas Simbólicas e, nela, equipara a ciência com distintas formas de conhecimento como o mito,

Artigos Livres

a linguagem, a religião e a arte, sendo todas elas diferentes formas de objetivação da realidade. Note-se que o termo objetivação é usado no léxico cassireriano para se referir à modalidade humana de apreensão do mundo, que não se dá de forma passiva e imediata, mas mediada pela capacidade enformadora da mente humana. Dessa forma, objetivar a realidade, trata-se da atividade do espírito de edificar um mundo, de dar-lhe forma, de enformar, diferenciando-se da função do pensamento científico (Cassirer, 1925/2003, p.13). Em outros termos, objetivar a realidade designa a ação por meio da qual é possível apreender o mundo que está diante de nós, não apenas como estrutura pensada, mas, também, como experiência vivida e sentida. Dessa forma, Cassirer institui um pluralismo que não existia em Kant, compreendendo a ciência também uma forma simbólica, assim como as demais anteriormente elencadas.

Considerando-se o exposto, por formas simbólicas (Cassirer, 1944/1997) entende-se construções imagéticos-conceituais que visam apreender e dar forma ao real, ou mesmo, estados sucessivos do aparecimento da consciência. Desse modo, as teorias científicas não têm uma correspondência imediata com o mundo sensível-empírico, mas é uma maneira de interpretá-lo simbolicamente. Ou seja, o homem apreende as impressões do mundo sensível e, desde sua consciência, que não se mantém passiva a tais impressões, faz um movimento de criação do real, manifestando essa lida com o mundo de forma plural. Na teoria das formas simbólicas, a primeira tese que Cassirer defende é a de que existem diferentes formas de objetivação da realidade, a saber, mito, linguagem, arte, religião e ciência, seguida da tese de que todas elas possuem uma simetria, sem hierarquia de valores (vide Figura 1).

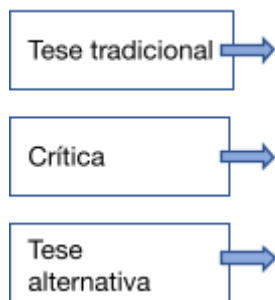


Figura 1 - Diagrama da teoria das formas simbólicas (Autora).

Dessarte, mediante a categorização de cinco formas de saber, e da relação de simetria entre elas, Cassirer classifica e qualifica o discurso do *mythos* como base epistemológica primordial, mediante a qual e através da qual todas as outras se originam. Ele deixa de ser uma simples etapa para aquisição de conhecimento e passa a ser visto como um processo pelo qual o homem se alça para além da condição animal. O *mythos* é compreendido como a primeira manifestação humana resultante da lida do homem com o mundo, ou melhor, como o primeiro movimento de organização do mundo pelo homem, revestido de intensa tonalidade afetiva. Por conseguinte, o filósofo faz uma exegese dessa forma simbólica, pesquisando sua irrupção como atividade humana, sua evolução na história da humanidade, comparando distintas interpretações sobre o *mythos*, replicando-as e colocando objeções em leituras prévias consideradas redutivas. Consequentemente, eleva o *status* de tal linguagem, mediante nova interpretação de caráter tautegórico, considerando-a em sua totalidade. Com tal contribuição epistemológica, Cassirer influenciou toda uma geração de filósofos que irão qualificar o potencial da linguagem simbólica e seu respectivo campo semântico, incluindo-se todas as formas expressivas. Dentre seus/suas discípulos/as, destaca-se, por exemplo, Suzanne Langer (1941/1989;

Artigos Livres

1953/1980), que introduziu o seu pensamento nos Estados Unidos, pautando-se na posição de que a análise das formas expressivas ou apresentativas deve ser diferente da análise das formas representativas (análise discursiva), e fundando uma verdadeira filosofia da arte. Com isso, tornou possível, tanto para as ciências da comunicação como do psiquismo, ajudarem na compreensão do aparente hiato entre a experiência humana vivida como inefável e o seu relato discursivo, quando este se quer guiado por critérios lógicos e referenciais (Freitas, 2005).

Em vista da relevância do assunto e do que foi anteriormente exposto, a presente pesquisa teórica se ancora numa análise conceitual e filosófica, respaldando-se em quatro obras de Ernst Cassirer: *Linguagem e mito* (1925/2003a), *O mito do estado* (1946/2003b), *Filosofia das formas simbólicas – o pensamento mítico* (1925/2004) e *Ensaio sobre o homem* (1944/1997). Na primeira, o autor analisa as conexões entre duas formas simbólicas por ele consideradas primordiais: linguagem e mito, originárias de um mesmo radical. Na segunda, tece definições sobre *mythos* e analisa as relações entre o surgimento dos Estados Totalitários, mediante articulação entre a mentalidade lógica e mítica. Na terceira, instaura nova concepção do *mythos*, trazendo uma abordagem tauteológica, em contrapartida com a alegórica, e analisa qual a função do pensamento mítico e sua relação com as demais formas simbólicas. Já na quarta, retoma o conteúdo das Formas Simbólicas, condensando-o e convergindo-o ao núcleo central de sua investigação, a filosofia da cultura.

Estrutura-se, de sorte, o artigo, abordando, primeiramente, o contexto cultural do pensamento cassireriano, fator determinante na constituição teórica do filósofo. Busca-se, pois, compreender as ideias que conformavam a sua época e corroboraram na elaboração de sua tese. Sucessivamente, são explicitados os conceitos de símbolo, formas simbólicas, *animal symbolicum*, e pregnância simbólica,

Artigos Livres

tidos como centrais em sua filosofia. Num terceiro momento, aborda-se o pensamento mítico, mediante o entrelaçamento do conteúdo das obras supracitadas. Tais categorizações de contexto, conceitos e teoria são apresentadas a fio, favorecendo a compreensão de seus postulados que habilitam o *mythos* e validam a simetria entre distintos saberes.

2. O filósofo pós-kantiano Ernst Cassirer - Contexto e biografia

Ernst Cassirer (1925/2003a) foi um filósofo alemão, de origem judaica, nascido em Breslau e versado na tradição kantiana. Frequentou uma das mais importantes escolas neokantianas, a escola de Marburgo, e se aproximou das ideias da escola de Baden, na Alemanha. Ambas propagavam o método transcendental kantiano, cujo objetivo era pesquisar as condições apriorísticas do conhecimento, da moral e da arte, assim como partiam do pressuposto de que tais faculdades eram criação da consciência humana. Dessa forma, rechaçam a ideia de um realismo, cujo conhecimento advém de uma realidade independente e transcendente à consciência, sendo uma mera cópia ou apreensão imediata do real. Do ponto de vista do idealismo transcendental, os dados da consciência advêm da imanência da mesma, mediante interação com os dados empíricos, sendo desnecessária a ideia de uma realidade duplicada e transcendente.

Numa primeira fase de sua trajetória filosófica, Ernst Cassirer (1925/2003a) fez parte da Escola de Marburgo, uma das escolas do movimento neokantista, propositora de uma filosofia da cultura, sendo considerado um dos expoentes mais marcantes e o grande representante do pensamento de Kant. Nessa escola, o núcleo temático se centrou no retorno às ideias kantianas, sobretudo nas áreas de

Artigos Livres

filosofia da ciência, teoria do conhecimento, ciências exatas e matemática. Em suas fases ulteriores, o pensamento de Cassirer aproximou-se das ideias da Escola de Baden, também de inspiração neokantista, cujos interesses se basearam em assuntos históricos e culturais (Rosenfeld, 2003). Ressalte-se que ambas as escolas comungavam do método transcendental kantiano, investigando as condições de possibilidade do conhecimento, da moral e dos fenômenos estéticos. Além de filósofo, também estudou direito, filologia e literatura, lecionando na Alemanha. Em função da ascensão de Adolf Hitler ao poder, exilou-se na Inglaterra, Suécia e, posteriormente, nos Estados Unidos, aonde também exerceu a atividade docente.

Como produção bibliográfica (Cassirer, 1925/2003a), o filósofo apresentou uma extensa literatura, produzindo variadas obras que abordavam desde o tema das ciências exatas, assim como outras cuja temática central se baseava na história e cultura. Dentre elas, destaca-se a *Filosofia das Formas Simbólicas* (1929), objeto de estudo da presente pesquisa, composta de três volumes: I-*Linguagem* (1923/2001), II- *O Pensamento mítico* (1925/2004) e III-*Fenomenologia do conhecimento* (1929/2011), sendo considerada uma grande obra filosófica do séc. XX. Sua trajetória acadêmica e profissional assinala um expoente que transitou entre distintas hermenêuticas, conciliando duas vertentes do saber, oscilando entre números e metáforas, ou seja, entre *Naturwissenschaften* (ciências naturais) e *Geisteswissenschaften* (ciências do espírito)³. Esse fato outorgou-lhe um amplo campo de

³ Os termos *Naturwissenschaften* (ciências naturais) e *Geisteswissenschaften* (ciências do espírito) são conceitos sedimentados na história da ciência. Emergiram com a finalidade de diferenciar seus métodos, sendo as primeiras de caráter explanatório, empenhada na descrição de leis e, as segundas, de caráter compreensivo, no sentido de apreender o individual e social. O termo ciências do espírito possui três teses distintas sobre sua origem, sendo atribuído a três épocas históricas: Antiguidade Grega, Humanismo do início da Idade Moderna e séculos XVIII e XIX, como reação às ciências modernas da natureza. Começou a ser usado gradativamente após ascensão e declínio das ciências do espírito de Hegel e se popularizou com Wilhelm Dilthey. (Scholtz; Amaral, 1988). Em amplo sentido, designa ciências históricas e memória cultural de uma sociedade.

Artigos Livres

visão sobre as mais variadas questões concernentes ao campo do conhecimento, relacionando aspectos fundamentais do campo humanístico e científico, tecidos entre si numa rede conceitual *sui generis* por meio de sua filosofia, a qual é apresentada a seguir.

3. Rede conceitual cassireriana

Cassirer, no conjunto de sua obra, introduziu diversos conceitos como partes fundamentais de sua reflexão filosófica. Dentre eles, destacam-se as concepções de: símbolo, conceito nuclear de sua teoria; formas simbólicas, nome dado às diferentes modalidades de conhecimento; *animal symbolicum*, nomenclatura binomial para designar uma compreensão antropológica do homem; e pregnância simbólica, entendida como apriorística para toda forma simbólica, um típico exemplo da metodologia kantiana no modo de fazer filosofia.

a) Do símbolo

O símbolo é a noção basilar da filosofia da cultura de Cassirer. A palavra símbolo, em sua etimologia, de origem grega, designa *syn*, aquilo que junta e, *ballein*, jogar ou arremessar (Boff, 1998). Ou seja, símbolo significa aquilo que junta tudo, além de compactar camadas de significados. Ele é um mediador entre objetos e ideias, mas não apenas isso, pois envolve a função de significação. Para tal entendimento, Cassirer (1944/1997) faz distinção entre signo ou sinal e símbolo. Um signo é um fato físico, faz parte do mundo físico e tem existência material. Já o símbolo pertence ao mundo dos significados, não tem existência material, representa algo e faz a intermediação entre espírito e matéria. Como tal, o símbolo tem valor funcional e designador, enquanto o signo tem valor operativo e não

Artigos Livres

expressa nenhum sentido. A título de exemplo, o raio de uma tempestade é um fato físico que liga a outro fato físico, ou seja, o raio, entendido como um sinal, anuncia a chegada da tempestade. Por outra parte, recorrendo-se à imagem da cruz, como exemplo, e suas diversas formas - como a latina, a grega e ansata, pode-se dizer que ela designa um símbolo, pois não é apenas uma figura, mas, mediante tal representação, é possível atribuir e extrair dela uma série de significados. Ou seja, o símbolo emerge na articulação entre significante e significado, onde o signo é uma realidade concreta que representa algo abstrato.

Através da função de simbolizar, o homem imprime significado à uma existência empírica que se apresenta diante de si. Nas palavras de Cassirer (1944/1997, p.60): “o animal possui uma imaginação e um inteligência práticas, enquanto o homem desenvolveu uma nova forma: uma imaginação e inteligência simbólicas”. Na medida que em que o homem deu o passo em direção à linguagem proposicional, desenvolvendo uma nova forma de inteligência, de imaginação e inteligência simbólica, diferentemente dos animais que reagem aos sinais com instintos, com sua capacidade criadora, instaurou-se um outro universo, capaz de dar significado ao *faktum*.

b) Das formas simbólicas

Segundo Cassirer (1959/1975, p. 163), formas simbólicas são “toda energia do espírito em cuja virtude um conteúdo espiritual do significado estaria vinculado a um signo sensível concreto e lhe é atribuído interiormente.” Ou seja, as formas simbólicas podem ser compreendidas como resultantes da lida do homem com o mundo, e se revelam como diferentes tipos de modalidades mediante as quais o homem interpreta, expressa e representa a sua realidade. É através dessas que o homem se auto

Artigos Livres

liberta de sua unidade orgânica, transformando a percepção das impressões do mundo sensível em um mundo de significados. Tal apreensão de mundo, ou seja, conhecimento, não se dá de forma passiva, mas sempre mediada pela “espontaneidade enformadora da mente humana” (Cassirer, 1925/2003a, p. 12).

O surgimento de cada forma simbólica, por sua vez, dá-se mediante a função tripartite da consciência (Cassirer, 1929/2011). São elas: função expressiva, representativa e significativa. A função expressiva é a mais elementar de todas e transmite uma emoção. A segunda, a função da representação, uma vez que irrompeu a imanência da expressão, nomeia os fenômenos, separa sujeito e objeto e ordena as coisas. Transmite a realidade do objeto. Já a significação seria a passagem da representação para o significado, em que a mente opera racionalmente e concatena e ordena as partes de acordo com leis. Transmite o significado do objeto. Portanto, de cada função da consciência e suas respectivas combinações, bem como da relação entre signo e símbolo, derivam-se distintas possibilidades de formas simbólicas. Dentre essas, situam-se aquelas inicialmente trabalhadas por Cassirer: mito, linguagem, arte, religião e ciência (Orengo & Gil Filho, 2023).

c) Do animal *symbolicum*

Ernst Cassirer (1944/1997) amplia a definição de *animal rationale*, para *animal symbolicum*. Uma definição não exclui a outra, pois decerto a razão é um traço inerente do homem, entretanto identificá-lo estritamente com a razão seria apenas uma redução, uma maneira de ver apenas uma parte do todo. Assim, o homem não vive um universo meramente físico e não apreende a realidade tal como ela é. Em vez disso, e antes, ele apreende a realidade de forma mediada por signos e símbolos. Cassirer designa

Artigos Livres

que o sistema simbólico antecede e excede à razão e, dessa forma, impõe-se como condição de possibilidade de apreensão do mundo. Segundo o filósofo:

no mundo humano encontramos uma característica nova que parece ser a marca distintiva da vida humana. O homem descobriu, por assim dizer, um novo método para adaptar-se ao seu ambiente. Entre o sistema receptor e o efetuator, que são encontrados em todas as espécies animais, observamos no homem um terceiro elo que podemos descrever como sistema simbólico (Cassirer, 1944/1997, p.47).

Portanto, essa dimensão simbólica dá-se exclusivamente no mundo humano, repleto de conceitos e significados, e no qual o homem é um ser natural ao mesmo tempo que cultural, regido não somente pelo seu aparato biológico, mas por ideias, significações e valores. Além de perspectivas lógicas e racionais, e de uma linguagem conceitual, também possui as outras de ordem emocional, de imagética artística - criadora, de riqueza cultural e espiritual, mostrando um rol de manifestações muito mais simbólico do que meramente racional.

d) Da pregnância simbólica

A pregnância simbólica (Cassirer, 1929/2011) é o processo mediante o qual o sujeito tem acesso ao dado sensível, imprimindo-lhe significado e o representando na consciência. Não se trata de um processo de mera cópia das impressões sensíveis e tampouco designa um processo intelectual, senão um articulador entre sujeito e objeto, ou seja, um processo criativo e espontâneo da mente humana. Portanto, a pregnância simbólica apresenta-se como apriorística ou condição de possibilidade das formas simbólicas. Dito de outra forma, e citando as palavras de Leibniz: “o agora é um agora preenchido e saturado de futuro: *praegnan futuri*” (citado por Cassirer, 1929/2011, p. 343). Essa assertiva leibniziana permite perceber que o termo pregnância remete a um estado que antecede uma concretização ou conformação e que contém em si o sentido do algo a ser concretizado. Ou seja, nesse exemplo de Leibniz, o futuro, antes de sua existência em ato, foi potência de ser. Nessa mesma

Artigos Livres

linha de raciocínio, ao tomar a origem etimológica da palavra *pregnância* (Priberam, n.d.), que deriva do latim *praegnantia*, constata-se que tal expressão designa estar cheio ou grávido. Ou seja, a *pregnância* simbólica, em tal acepção de “gravidez”, implica numa condição humana que possibilita transição do dado sensível para a sua simbolização. Assim como o futuro já possui vida no presente, as formas simbólicas também já vivem dentro da experiência perceptiva.

Em face do exposto, uma vez contextualizado o panorama cultural de Cassirer, descrita a sua preocupação filosófica centrada no entendimento do homem, de sua existência, e de como o mundo se constitui para si mediante distintos modos de simbolização, assim como versados em seu léxico gramatical, passa-se à exposição do pensamento mítico, no sentido de explicitar o pensamento cassireriano acerca do *mythos*.

4. O pensamento mítico

Na Filosofia das Formas Simbólicas, Ernst Cassirer (1923/2001) investiga o papel da cultura, a definição de homem e amplia a epistemologia kantiana para as ciências do espírito. Especialmente, aborda as manifestações do espírito humano, através das quais ele cria, apreende, formata e objetiva a realidade, dado que essa é uma transformação das expressões sensíveis em um mundo de expressão espiritual. No volume dois, que corresponde ao pensamento mítico, o filósofo analisa qual a função do pensamento mítico e sua relação com as demais formas simbólicas. Em *Mito e linguagem* (1925/2003a) analisa a relação entre ambas as formas simbólicas e sinaliza o mito como a raiz comum a todas as energias que participam da construção do mundo humano. Já na obra *O mito do estado*

Artigos Livres

(1946/2003b), tematiza a reconciliação mítica com o conhecimento filosófico, sinalizando o campo problemático e conflituoso em que consiste a dicotomia entre *logos* e *mythos*.

Assim sendo, no conjunto de sua obra, o filósofo de Breslau resgata a dimensão do *mythos* e retira-o de sua condição acessória como uma mera etapa para aquisição de conhecimento. Ademais, assinala o fato de que o mito foi alvo de estudo e debate de diversas correntes e disciplinas, muitas vezes conflitantes e divergentes, mas com a peculiar característica de ter abundante material empírico. Além do fato de que o *mythos* se apresenta como uma espécie de prancha de *Rorschach*, aonde a cada segmento, projeta-se nele seus postulados inerentes: “Para o linguista, o mito era um universo de palavras e nomes; para o filósofo, uma ‘filosofia primitiva’; e para o psiquiatra, um fenômeno neurótico sumamente complicado e interessante.” (Cassirer, 1925/2003a, p.21).

Mediante uma hermenêutica instauradora⁴, o pensador confere ao *mythos* um *status* antes não adquirido: sendo qualificado como uma forma simbólica, trata-se de um processo divergente das demais formas de saber, porém complementar, originário e necessário, na autolibertação do homem do caos das sensações orgânicas. De tal sorte, conforme o panorama conflitante em que o *mythos* se apresenta, poder-se-ia esquematizar os fundamentos predominantes de tal forma simbólica na história do pensamento humano, articulado com a interpretação oferecida por Cassirer, segundo ilustra a Figura 2, a fio.

⁴ O termo hermenêutico instaurador foi cunhado por Gilbert Durand (citado por Araújo & Silva, 1995), antropólogo e filósofo francês, para designar uma forma de interpretação do símbolo e do imaginário, numa proposta de valorização, florescimento e como elemento potencializador da cultura. Numa via oposta, estão as hermenêuticas redutoras, que investigam a dimensão do simbólico e do imaginário numa perspectiva de desvalorização, como um obstáculo para avanço da cultura.

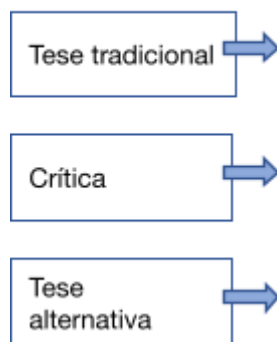


Figura 2 - Diagrama da dialética entre *logos* e *mythos* (Autora).

Entende-se por *mythos*, nos postulados cassirerianos, uma esfera que emerge no liame entre o mundo puramente objetivo e o subjetivo, sendo resultado de uma experiência coletiva, sem que seus criadores tivessem consciência deles, sintetizando impressões sensíveis do mundo fático e as interpretações do mundo interno. Deste modo, as imagens resultantes não são representações, discurso e tampouco metáforas, senão que a própria plasmação da realidade (Cassirer, 1925/2004). A partir do *mythos*, a estrutura originária de expressão humana ante sua existência no mundo, todas as demais formas ganham *anima*. O filósofo enfatiza a necessidade de se conhecer o *mythos*, colocando que o homem moderno o tomou como conhecimento acessório, num sentido de depreciação em relação ao conhecimento científico. Assim, ele traz uma abordagem para o âmbito cultural e coloca o *mythos* como condição de possibilidade para a emergência das demais formas simbólicas. Sinaliza também como principais funções do mito, desde uma perspectiva social: a identificação do indivíduo com a totalidade, a expressão das emoções através de ritos e a explicação para a morte.

Artigos Livres

O filósofo diferencia as estruturas do pensamento teórico e do pensamento mítico e, mediante uma espécie de genealogia entre as formas da linguagem e do mito, analisa as relações entre ambas, e explicita tais diferenciações lógicas e míticas. Assim, em *Linguagem e mito* (1925/2003a), mostra que há conexões entre as duas formas simbólicas que dão título à obra, trazendo a tese de que há uma parcial identidade da estrutura da consciência mítica e da linguística, e que há uma profunda distinção em relação à consciência científica. Dessa forma, Cassirer (1925/2003a) compara as formas linguísticas primárias com as formas do pensamento mítico, mediante o paradigma mítico e não o lógico, sobre o qual supostamente se assentaria a emergência da linguagem. Assim, entende que as formações verbais originárias irrompem como entidades míticas e não como decorrentes de uma necessidade de reflexão lógica. Tal decorrência se dá num estágio posterior, quando o pensamento discursivo emergiria sobre a linguagem, já estabilizada. A parcialidade de identidade se daria pelo fato de que, a partir das origens míticas, a linguagem se inclinaria para o domínio do pensamento, no âmbito do qual também operaria a força do *logos*. A função primeira da linguagem e do *mythos* seria, portanto, a passagem do caos à ordem, ou melhor, do indeterminado ao determinado (Cassirer, 1925/2003a, p. 98). *Mythos* e linguagem emergem diante de um movimento de ordenação de aspectos objetivos e subjetivos do homem diante do mundo, sendo uma necessidade intrínseca de significar a realidade. Ambas irrompem dessa mesma raiz de significação de mundo, provindas de um substrato emocional e não racional, mediante o qual o homem recebe as impressões circundantes e as transforma com a força criadora da consciência.

Vale pôr em evidência que Cassirer (1925/2003a) faz uma exegese do conceito de metáfora, distinguindo a metáfora linguística da metáfora mítica. A primeira, tal como é concebida atualmente,

Artigos Livres

refere-se a uma transposição de conteúdos, feita de forma deliberada, onde uma denotação é substituída por um conteúdo de representação. Nessa modalidade, ocorre uma simples transferência de uma classe a outra. Por outra parte, a metáfora mítica, ou metáfora radical, apesar de também se referir a um processo de transferência, requer dois ingredientes: a verbalização e a conceituação mítica. Ou seja, trata-se de uma transformação que se dá mediante a percepção das impressões sensíveis, que se dão na esfera do mundo comum, e que são transformadas na criação de uma nova classe, já resultando na esfera da significação ou do sagrado. Sendo assim, o autor diferencia as duas estruturas, lógicas e míticas, comparando e diferenciando as distintas concepções. Sobre o pensamento teórico, afirma que:

o pensamento teórico visa acima de tudo a libertar os conteúdos dados ao nível sensível ou intuitivo do isolamento em que se nos apresentam imediatamente. Eleva-os acima dos seus estreitos limites, associa-os a outros conteúdos, compara-os entre si, concatenando-os numa ordem definida e num contexto abrangente. Procede discursivamente (...) até, por fim, compô-lo num sistema fechado (Cassirer, 1925/2003a, p. 52).

Já na dimensão mítica, o processo não se dá mediante uma curiosidade consciente sobre o mundo e os conteúdos da percepção. Tampouco busca relação e comparação entre tais conteúdos, senão que diante desses, o pensamento mítico é por eles subjugado e aprisionado. Isto é, o pensamento mítico emerge da existência do homem no mundo sensível, sendo que sua manifestação se enforma a partir do substrato emotivo e “para a pessoa que esteja sob o encanto desta intuição mítico-religiosa, é como se o mundo inteiro afundasse” (Cassirer, 1925/2003a, p.52). Ou seja, existem distinções basilares entre ambas formas de pensar, sendo o teórico relativo à percepção objetiva das

Artigos Livres

coisas, denotando um alargamento da mesma, com distribuição extensiva, concatenação e conexão sistemática; enquanto que o mítico refere-se a uma potência de sentimento subjetivo, designando, ao invés de alargamento, um estreitamento dessa mesma percepção, concentração e caracterização isolada, traduzida por compreensão intensiva.

Além de trazer esclarecimentos sobre a origem do pensamento mítico, Cassirer também traz uma amplitude no conceito de *mythos* e o considera para muito além de simples histórias que contam a biografia dos deuses. Assim, o *mythos* é categorizado como uma forma de pensamento, tal como descrito acima, como um estado da consciência e como forma de vida não secular, que leva em conta a magia e a dimensão do sagrado, produzindo uma experiência estética naquele que o ouve, vive ou contempla. Nesse sentido, Cassirer (1925/2004) considera o *mythos* como uma realidade por duas razões. Primeiramente, por ser uma forma simbólica, ele é expressão de objetivação da realidade e uma forma de configurar o mundo que tem existência própria. A outra é o fato de o *mythos* ser real para aquela consciência que o cria, caracterizando um instrumento do espírito, através do qual esse se expressa e se articula, de forma intensamente afetiva, além de ser a forma simbólica originária através da qual e a partir da qual as outras se originam.

Dentre suas características peculiares, o *mythos*, segundo o filósofo (Cassirer, 1925/2004) é qualificado como um advento do sentimento de união com a vida, de temor à morte e à finitude, e, ao ser expressão simbólica, também ordena e configura tais sentimentos e os instintos humanos. Sua função social e particular é unir o homem de maneira intensamente afetiva à totalidade do cosmos.

Artigos Livres

O filósofo kantiano, ao formular uma teoria do pensamento mítico e classificá-lo como um estado de aparecimento da consciência, ou seja, uma forma de apreensão do mundo e de manifestação do espírito humano, faz uma série de objeções e indica erros advindos de interpretações anteriores, que qualificaram o *mythos* como conhecimento acessório.

Tanto na obra *Linguagem e mito* (1925/2003a), como no Volume II das *Formas simbólicas* (1925/2004) e no *Ensaio sobre o homem* (1944/1997), várias dessas críticas são tecidas, deslocando o *mythos* de sua posição de discurso primitivo e, elevando-o, por conseguinte, a um *status* que até então não havia conquistado.

Citando Max Muller, o filósofo (Cassirer, 1925/2003a) afirma que o *mythos*, ao ser considerado essencialmente uma mera ilusão, ou como resultado de uma deficiência linguística, é visto como uma patologia ou defeito do espírito. Para tal colocação, Cassirer evidencia ser esse um raciocínio que retrocede à visão do realismo ingênuo, em cuja concepção a realidade está dada como clara e evidente. Assim, a partir desse paradigma, seria natural que tudo que não correspondesse à solidez dessa realidade, seria classificado como ilusão. O mesmo acontece com uma leitura da arte, que para uma visão realista, é concebida com uma mera cópia do real, sem autonomia. Tanto Platão como Aristóteles consideravam a arte como *mimesis*, ou seja, imitação da realidade. Na perspectiva de Platão, arte seria imitação do mundo sensível, o qual, por sua vez, é cópia do mundo inteligível. Já para Aristóteles, a arte é imitação perfeita da natureza.

Outra crítica que o filósofo faz é a respeito da interpretação alegórica (Cassirer, 1944/1997, p.124), única via de acesso e técnica adotada desde a Grécia Antiga, perdurando pela Idade Média e

Artigos Livres

alcançando os tempos modernos. Do grego *állos*, que significa outro; e *agoreúein*, que designa dizer (Ceia, 1998), ou seja, dizer outra coisa, essa forma de interpretação busca um sentido que está escondido na narrativa. Lido dessa forma, o autor assinala que é uma maneira muito artificial de compreendê-lo, sendo entendido como mera ficção, como um veículo mascarado para dizer outra coisa. Cassirer retoma seu sentido originário e, tal como na interpretação feita por Schelling (citado por Cassirer, 1925/2004), no séc. XIX, afirma que o *mythos* diz aquilo que ele quer dizer e não apenas uma mensagem cifrada. Ou seja, o *mythos*, como apreensão do mundo, primariamente, “não percebe caracteres objetivos, mas fisionômicos” (Cassirer, 1944/1997, p. 128). O *mythos* tem um princípio vital e dinâmico, que é da ordem da expressão, sendo, por sua vez, expressão dos sentimentos e emoções.

A consideração do *mythos* como um elemento irracional, caótico ou pré-lógico também são refutadas no discurso de Cassirer (1944/1997). Essas considerações partem desde uma interpretação intelectualizada do *mythos*, que mediante uma leitura alegórica, tenta extrair uma moral ou teoria da narrativa mítica. Ele tem sua própria coerência interna, porém não é da ordem analítica, de classificar e sistematizar as coisas, mas, é da ordem sintética. Ou seja, a vida é sentida como um todo, dinâmico, contínuo, sem fronteiras rígidas entre as partes. É como se fosse uma melodia, que, para a visão analítica, está composta de notas musicais, harmonia, timbre, músico e instrumentos, mas para aquele que a ouve, trabalham todos em uníssono, sendo uma unidade que deixa uma marca na alma, fruto de uma experiência estética. Para uma consciência mítica, a visão da natureza não é da ordem da curiosidade de conhecimento, tampouco prática, mas de uma ordem simpática, que advém do sentimento, da emoção, de uma cosmovisão de solidariedade com o mundo. O homem não é um privilégio da natureza, senão que é parte desta mesma natureza (Cassirer, 1944/1997, p. 137).

Artigos Livres

A respeito da relação do *mythos* com as demais formas simbólicas, Cassirer (1946/2003b) traz a questão da irreducibilidade e incomensurabilidade entre elas. Ou seja, não é possível compará-las, nem reduzir umas às outras. Cada forma tem sua singularidade e autonomia. Não obstante, elas têm uma dinâmica e trabalham em conjunto. Assim sendo, o *mythos*, não deve ser visto e confundido com a linguagem, apesar de terem a mesma raiz. A linguagem tende para o pensamento teórico. O *mythos* não pode ser tomado como arte. Ele nasce do sentimento de união com o todo, e há uma relação de identidade entre signo e significado, entre sujeito e objeto. Na arte, apesar da suspensão das fronteiras entre sujeito e objeto, a relação entre signo e significado é da ordem da representação. Tampouco deve ser confundido com religião, pois essa desprende-se do mito, e reúne a função de representação e significado. Por outro lado, tampouco se identifica com a ciência, visto que trilham caminhos opostos, sendo o mito um processo sintético e a ciência, analítico.

Por fim, em sua última obra, *O mito do estado* (1946/2003b), Cassirer desenvolve um contraponto ao pensamento mítico originário, mostrando a construção histórica dos mitos políticos, através de uma análise crítica, desde o *homo magus* ao *homo faber* (Cassirer, 1946/2003b, p.326). O filósofo tece a relação entre *mythos* e política, e argumenta que aqueles desempenham um papel fundamental na formação da consciência política e ideológica. Ou seja, através das narrativas, do símbolo e dos rituais, que apelam à imaginação e à emoção coletiva, os mitos políticos são construídos e disseminados, moldando crenças e valores sociais. Portanto, os *mythos*, mesmo em sociedades racionais e científicas, também estão presentes, podendo mostrar seu aspecto de sombra, sinalizando que possuem papel político, auxiliando a moldar identidades coletivas e legitimando estruturas de poder. Essa contribuição do filósofo ajuda a compreender o lugar de maior prestígio atribuído ao *logos* -

Artigos Livres

quando comparado ao lugar que se atribui ao *mythos* - nos discursos das ciências modernas e contemporâneas. Afinal, isso reflete um mecanismo de proteção à racionalidade crítica, que poderia se ver ameaçada diante dos aspectos menos evidentes dos processos míticos.

5. Considerações finais

Um dos grandes legados da filosofia de Ernst Cassirer está direcionado ao *faktum* da cultura, que, constituída de uma pluralidade, diferencia-se das ciências naturais enquanto uma das possibilidades de compreendermos o mundo, mas não a única forma autêntica de apreender a realidade. O pluralismo que defende permite uma coexistência de diversos saberes, a qual hoje poderíamos chamar de “ecologia de saberes”, termo cunhado pelo sociólogo Boaventura Santos (2009) para designar que existe no mundo uma rede de saberes, ou seja, um conjunto de epistemologias, e que nenhuma delas se basta por si só, sendo necessária a recorrência a outras ordens de saberes. Não se trata de um confronto, tampouco de solapamento de um saber em detrimento do outro, mas de inclusão: essa perspectiva de inclusão que Cassirer sinalizou há um século atrás, ao propor a unidade de simetria entre as formas simbólicas. Dessa forma, o mito ressurge em sua filosofia, adquire autonomia e é assinalado como parte essencial de qualquer atividade humana, ou seja, qualquer cultura.

Por transitar em diferentes campos epistemológicos, das ciências naturais e das ciências do espírito, o filósofo conseguiu trazer uma abordagem que une o sujeito transcendental, isto é, aquele que se retira do mundo para ver o mundo, ao sujeito fenomenológico. Dessa forma, demonstra uma

Artigos Livres

preocupação que extrapola o nível explicativo, inclinando-se também pela dimensão compreensiva. Não apenas constroí uma filosofia racionalmente, com funções lógico-matemáticas, explicando a natureza, mas também a reconstroí de forma histórica e social, compreendendo a cultura. Assim, Cassirer, como tradicional representante da corrente neokantiana, põe os holofotes na teoria do conhecimento, que, mediante o método da filosofia transcendental, analisa as condições de possibilidade da cultura. Mediante um estatuto epistemológico, ressalta a dimensão do *animal symbolicum*, considerada apriorística em relação ao *homo sapiens*, mostrando uma rede de formas simbólicas através das quais o ser humano se expressa e se comunica com o mundo, o que conduz o interlocutor a uma nova perspectiva que se dá através da compreensão da natureza humana como simbólica. Ou seja, o que Cassirer enfatiza é que o *homo sapiens* é uma forma limitante de definição do ser humano, visto que ela não abarca todas as atividades do espírito humano, restringindo-o à sua capacidade racional, teórica e conceitual.

Por outra parte, o *animal symbolicum*, que faz uso de um sistema simbólico, designa o homem que superou sua natureza orgânica e configurou o mundo mediante diversas modalidades e atividades do espírito humano. Assim sendo, na linguagem e na ciência, o homem faz objetivações conceituais; na arte, a objetivação se dá de maneira contemplativa; e, no mito, a objetivação se efetiva de forma imaginativa. Dessa forma, é possível compreender a importância que o *mythos* - um discurso que se utiliza da função da expressão, que não é da ordem dos conceitos e caracteres, mas que se dá mediante o substrato do sentimento e de uma função sintética e não analítica - adquire diante da totalidade de uma cultura. É expressão de sentimento plasmada em imagens e narrativas de forma muito dinâmica e vitalista. Ou seja, mais que narrativas, é o substrato emocional de uma sociedade que

Artigos Livres

foi crisalidado de forma dinâmica, espontânea e simbolicamente. Tal forma simbólica do *mythos*, entendida como o elo que une fato e significado, revestido de tonalidade afetiva, pode aprimorar a capacidade cognitiva do homem, ampliando o campo de aprendizagem para aquilo que está além do lógico e racional. O *mythos* ao ser símbolo no seu sentido mais estrito, por condensar diversas camadas, desde modelos de comportamentos, história, conteúdos psíquicos, instruções normativas, dentre outros, conduz a psique humana por experiências múltiplas e infinitas. Assim sendo, tem uma potência cognitiva que extrapola o conceito, que se faz de forma mais reduzida e específica. Como pontuado pelo filósofo neokantiano, o pensamento mítico se dá mediante uma intensidade perceptiva, onde o sujeito fica subjugado numa intensidade compreensiva de mundo, tendo sua alma transformada e significada.

Em síntese, Cassirer põe em pé de igualdade *mythos* e ciência, e desmistifica-a como soberana, colocando em manifesto a forma primordial de apreensão do mundo: o *mythos*. O filósofo revela uma natureza humana de matriz simbólica, condição apriorística para captação do sensível, que se desdobra mediante pluralidade de atividades do espírito e que tende natural e espontaneamente para o sentimento, o drama, a emoção e o dinamismo. E, por ser assim espontâneo, o discurso mítico possui papel inestimável na produção do sentido. O homem, como enfatiza o filósofo, antes de ser objetivo, teórico e conceitual, é fisionômico, emotivo e simpático, e tal qualidade afetiva se desvela mediante a modalidade simbólica do *mythos*. E ainda que ela detenha um caráter não completamente decifrável, não será à custa de sua negação ou marginalização, que a ciência se resguardará de suas próprias sombras e pontos cegos.

Artigos Livres

Referências

- Alencar, K. C. L. (2024). *Vazio existencial contemporâneo: diálogo epistemológico entre logos e mythos na psicologia*. [Dissertação de mestrado, Departamento de Psicologia, Universidade Católica de Brasília]. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da UCB.
- Araújo, A. F., & Silva, A. M. da (1995). Mitanálise e interdisciplinaridade. Subsídios para uma hermenêutica em educação e ciências sociais. *Revista portuguesa de educação*, 8(1), 117-142. <https://hdl.handle.net/1822/525>
- Boff, L. (1998). *O despertar da águia: o dia-bólico e o sim-bólico na construção da realidade*. (25 ed.). Editora Vozes.
- Cassirer, E. (1975). *Esencia y efecto del concepto de símbolo* (trad. Carlos Gerard). Fondo de Cultura Económica. (Trabalho original publicado em 1959).
- Cassirer, E. (1997). *Ensaio Sobre o Homem*. (trad. Tomás Rosa Bueno). Editora Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1944).
- Cassirer, E. (2001). *A Filosofia das formas simbólicas I: A linguagem* (trad. Marion Fleischer). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1923).
- Cassirer, E. (2003a). *Linguagem e mito* (trad. Guinsberg e Miriam). (4 ed.). Perspectiva. (Trabalho original publicado em 1925).
- Cassirer, E. (2003b). *O Mito do estado* (trad. Álvaro Cabral). Conex. (Trabalho original publicado em 1946).
- Cassirer, E. (2004). *A Filosofia das Formas Simbólicas II- O pensamento mítico* (trad. Flávia Cavalcanti). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1925).
- Cassirer, E. (2011). *Filosofia das formas simbólicas III: Fenomenologia do conhecimento*. (trad. Eurides Avance de Souza). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1929).
- Ceia, C. (1998). Sobre o Conceito de Alegoria. *Matraga*, 10 (1), 19-26. <http://www.pglettras.uerj.br/matraga/matraga10/matraga10a02.pdf>
- Freitas, M. H. (2005). Filosofar poetizando ou poetizar filosofando: Limites e potencialidades de uma psicologia expressiva. In M. H. Freitas & Venturinha N. (Orgs.), *A expressão do indizível: Estudos sobre filosofia e psicologia* (pp. 129-161). Universa.
- Freitas, M. H. & Piasson, D. L. (2017). Religião, religiosidade e espiritualidade: repercussão na mídia e formação profissional em psicologia. *Esferas*, 1(8), 103-112. <https://doi.org/10.19174/esf.v1i8.7909>

Artigos Livres

Kant, I. (2021). *Prolegômenos a toda metafísica futura que queria apresentar-se como ciência* (trad. Artur Morão Capa de Jorge Machado Dias). Edições 70. (Trabalho original publicado em 1920).

Priberam (n.d.). *Pregnância*. In *Dicionário Priberam Online de Português*. Recuperado em 26 de outubro de 2023, de <https://dicionario.priberam.org/Pregn%C3%A2ncia>

Rosenfeld, A. (2003). Cassirer. In E. Cassirer, *Linguagem e mito* (pp 9-14). Ed. Perspectiva.

Orengo, A.A. de S., & Gil Filho, S. F. (2023). A filosofia das formas simbólicas: Contornos e perspectivas epistemológicas. *Phenomenology, Humanities, and Sciences*, 3(3), 191-204.
<https://doi.org/10.62506/phs.v3i3.183>

Santos, B. de S. (2009). Para além do Pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In Santos, B de S.; & Meneses, M. P. (Orgs.), *Epistemologias do sul* (pp. 23-70). Gráfica De Coimbra.
<https://www.iciet.fiocruz.br/sites/www.iciet.fiocruz.br/files/Epistemologias%20do%20Sul.pdf>

Scholtz, G. (1988). Origem e papel das ciências do espírito. *Revista da Faculdade de Educação*, 14(2), 315-322.
<https://doi.org/10.1590/S0102-25551988000200011>